

Corpo e violência: experiências cotidianas em contextos marcados pela criminalidade e pelo medo

*Body and violence: everyday experiences in
contexts marked by criminality and fear*

Clodomir Cordeiro de Matos Júnior¹

1. Doutor em Sociologia (USP), professor de Sociologia do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas / Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). CLDOMIR.CORDEIRO@GMAIL.COM

Resumo: O presente artigo tem por objetivo ser uma contribuição aos estudos que se dedicam à compreensão das práticas corporais em contextos representados sob a ótica da criminalidade e do medo. Nessa perspectiva, pretendemos em nosso texto refletir sobre o lugar do corpo nas experiências cotidianas dos moradores de um bairro da periferia de Fortaleza, Ceará, Brasil, destacando a contribuição da questão corporal para a conformação dos contornos do atual regime democrático brasileiro. Explorando os percalços dos moradores de espaços atravessados pela representação da violência e do medo, através de uma abordagem que privilegia os sentidos e os significados negociados no jogo social, versaremos sobre como o corpo emerge como um elemento pleno de significados no processamento e desenvolvimento do conhecimento social. Apreciado sob a ótica da criminalidade e dos medos urbanos, o espaço público das grandes cidades brasileiras não é representado como um lugar seguro para ostentações materiais e manifestações despreocupadas do “eu” mediadas por objetos de consumo.

Palavras-chave: Corpo. Violência. Medo. Periferia. Fortaleza.

Abstract: This article aims to be a contribution to the studies dedicated to the understanding of corporal practices in contexts represented from the

perspective of crime and fear. In this perspective, we intend in our text to reflect on the place of the body in the daily experiences of residents of a neighborhood of the periphery of Fortaleza, Ceará, Brazil, highlighting the contribution of the corporal question to the shape of the contours of the current Brazilian democratic regime. Exploring the mishaps of the residents of spaces crossed by the representation of violence and fear, through an approach that privileges the sense and meanings negotiated in the social game, we will talk about how the body emerges as a full element of meanings in the processing and development of knowledge social. Appreciated from the point of view of crime and urban fears, the public space of the great Brazilian cities is not represented as a safe place for material ostentatious and unconcerned manifestations of the “I” mediated by objects of consumption.

Keywords: Body. Violence. Fear. Periphery. Fortress.

Introdução

Não são poucos os estudos sobre violência e criminalidade que em seus resultados mais contundentes apontam o incremento e difusão desses fenômenos no tecido social brasileiro¹. Sérgio Adorno (2002) considera que na década de 1980 a violência urbana, em suas múltiplas modalidades, já havia se tornado uma das maiores preocupações da sociedade brasileira, promovendo ampla mobilização da opinião pública e produzindo “impactos sobre o sistema de justiça criminal” (ADORNO, 2002, p. 267). Para Menezes (1982), mais do que uma novidade, o que torna o fenômeno “mais patente hoje é, provavelmente, uma tomada de consciência mais aguda da sofisticação técnica com que ele se exercita e, talvez, o desenvolvimento de uma significação mais refinada de liberdade humana” (MENEZES, 1982, p. 12).

Em levantamento temático acerca do assunto, Alba Zaluar (2004) pondera que a reflexão sobre o que é violência e seus múltiplos planos e significados

1. O presente artigo é fruto de uma pesquisa realizada em um bairro da periferia de Fortaleza, Ceará, Brasil. Durante a realização do mestrado contei com uma bolsa da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), sem a qual parte dessa pesquisa não teria sido possível.

não se trata de uma pauta recente² nos debates acadêmicos. Diante da polissemia do termo e de toda a dificuldade envolvida em seu tratamento, Zaluar considera que seria através da percepção dos limites e perturbações de acordos tácitos e regras que ordenam as relações sociais, que eventos poderiam, ou não, serem apreciados como violentos. Yves Michaud (1989) afirma que essas perturbações, cultural e historicamente localizáveis, não estariam limitadas ao emprego e/ou ameaça do uso da força física, pois:

[...] há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais (MICHAUD, 1989, p. 10).

Acompanhando os argumentos de Michaud, poderíamos observar a polissemia da violência através dos danos físicos, morais, materiais, simbólicos e/ou culturais que inquietam e perturbam indivíduos e coletividades.

Frente à polissemia do termo, suas múltiplas manifestações e percepções ambivalentes, pretendemos no presente artigo desenvolver uma reflexão sobre as múltiplas conexões do corpo com o fenômeno da violência³. Inicialmente,

2. Alba Zaluar fragmenta sua argumentação acerca dos campos temáticos que fazem parte do imaginário coletivo dos cientistas sociais que se dedicaram aos estudos da violência e da criminalidade em cinco eixos de análise. São eles: a) a reflexão sobre o que é violência e seus múltiplos planos e significados; b) as imagens ou representações sociais do crime e da violência e o medo da população; c) a contagem das vítimas e dos crimes; d) a procura de explicações para o aumento da violência e da criminalidade; e, e) o problema social da criminalidade como tema de política pública (ZALUAR, 2004, p. 227-8).

3. Não nos reportaremos no presente artigo, devido entre outras causas ao espaço limitado e aos propósitos do texto, a uma série de situações que associam o corpo ao fenômeno da violência. Penso especificamente na situação da preservação da integridade corporal para a sobrevivência dos indivíduos, nas experiências dos corpos desaparecidos durante os regimes militares na América Latina e na atuação das equipes forenses na identificação e resgate desses corpos.

exploraremos alguns trabalhos que englobam o corpo em seus desenvolvimentos, acentuando a importância da questão corporal para a produção do conhecimento social. Desde o instigante trabalho de Marcel Mauss (1926) sobre as *técnicas corporais* o corpo é projetado para outro registro analítico, impulsionando a apreciação do social para caminhos mais complexos e “totais”. Em um segundo momento, refletiremos sobre o lugar do corpo nos processos de construção social de indivíduos considerados potencialmente perigosos em nosso arranjo contemporâneo. Nessa chave interpretativa, uma leitura visual dos corpos, que considera roupas e adereços como indicadores de intenções e personalidades, emerge como uma técnica altamente valorizada na apropriação de espaços públicos representados sob a ótica da violência e do medo. Após essa etapa, passaremos a destacar os ritmos corporais das experiências individuais e coletivas gestadas nesses espaços. Como objeto analítico significativo para a produção do conhecimento social, os ritmos corporais revelam como as experiências individuais e coletivas são processadas em bairros considerados violentos. Por fim, teceremos considerações acerca do que buscamos explorar ao longo do artigo.

Corpo e Ciências Sociais

O interesse pelo corpo em investigações sociológicas e antropológicas manifesta a emergência de um arranjo científico e epistemológico onde as tentativas de compreensão dos grupos, atores e práticas sociais desenvolvem-se de uma perspectiva plural e multifacetada. Explorando parte da contribuição francesa que destaca a importância do corpo como elemento decisivo para o entendimento dos processos sociais, tentarei desenhar o caminho através do qual o mesmo pode se constituir em uma chave analítica essencial na compreensão das experiências cotidianas de indivíduos e coletividades em contextos representados através da ótica da violência e do medo.

O seminal trabalho de Marcel Mauss sobre as *Técnicas do corpo* (2003 [1926]) pode ser considerado um estudo pioneiro onde o corpo desponta como objeto legítimo para a construção do conhecimento nas Ciências Sociais. Interessado nas maneiras pelas quais os homens tradicionalmente servem-se de seus corpos e transmitem esses usos, ou seja, nas *técnicas do corpo* e em suas

transmissões e reproduções, o autor desenvolve uma análise sobre o primeiro objeto e meio técnico posto a serviço do homem.

[...] O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo. [...] Antes das técnicas de instrumentos, há o conjunto das técnicas do corpo. [...] (MAUSS, 2003, p. 407)

Para Mauss, as constantes adaptações do corpo aos seus múltiplos usos processam-se através de uma série de *atos montados* nos indivíduos por sua educação, sociedade e lugar que ocupa na mesma (Ibid., p. 408).

O que sobressai nitidamente delas é que em toda parte nos encontrarmos diante de montagens fisio-psicosociológicas de séries de atos. Esses atos são mais ou menos habituais e mais ou menos antigos na vida do indivíduo e na história da sociedade. Vamos mais longe: uma das razões pelas quais essas séries podem ser montadas mais facilmente no indivíduo é que elas são montadas pela autoridade social e para ela [...] (MAUSS, p. 420).

Tornar-se um indivíduo social, nessa chave interpretativa, significa que todos os atores sociais devem aprender e saber o que fazer, inclusive com seus corpos, nas mais diversas situações e condições sociais. A educação e as circunstâncias do convívio e da vida em comum possibilitariam essa adaptação ao mundo do qual fazemos parte ativamente, evidenciando a força da razão prática coletiva e individual onde apenas se enxerga a alma e suas faculdades da repetição (Ibid., p. 404)⁴.

4. Marcel Mauss refere-se nesse momento a natureza social do habitus. “[...] Observem que digo em bom latim, compreendido na França, “habitus”. A palavra exprime, infinitamente melhor que “hábito”, a “exis” [hexis], o “adquirido” e a “faculdade” de Aristóteles (que era um psicólogo). Ela não designa os hábitos metafísicos, a “memória” misteriosa, tema de volumosas ou curtas e famosas teses. Esses “hábitos” variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, variam sobretudo com as

Lévi-Strauss, em sua *Introdução à obra de Marcel Mauss* (2003 [1950]), pondera que o interesse pelo corpo na obra de Mauss estaria relacionado à sua grande preocupação com a aplicação de um *tríplice ponto de vista* no desenho das investigações sociais. Tal preocupação expressaria a sensibilidade sociológica do autor para com as mediações corporais e as múltiplas conexões entre indivíduos e coletividades em nossos grupamentos sociais. Nessa chave analítica, o *fato social total* de Mauss concebe as idiosincrasias corporais não como maneiras naturais de se comportar e experimentar o mundo, mas como *habitus* socialmente incorporados através de nossas distintas inserções históricas, sociais e grupais. Ligando o biológico, o sociológico e o psicológico em sua interpretação social, o autor nos apresenta um corpo capaz de ser ensinado, onde a sociedade se expressa, marcando diferenças e similitudes que reconhece e estabelece⁵.

Versando sobre a *violência simbólica*, relativa a coerções exercidas sobre esquemas de percepções e apreciações dos quais os seres sociais são os produtos, Pierre Bourdieu parece concordar com Mauss (2003) quando o corpo é colocado em questão. “A propósito, é preciso admitir que as técnicas corporais constituem verdadeiros sistemas, solidários a todo um contexto cultural.” (BOURDIEU, 2002). Relacionado dinamicamente aos esquemas de apreciações que se atualizam nas maneiras de pensar a própria existência, os outros, sua relação com eles e as práticas sociais, o corpo é observado através da incorporação

sociedades, as educações, as conveniências e as modas, os prestígios. É preciso ver técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, lá onde geralmente se vê apenas a alma e suas faculdades de repetição.” (Ibid., p. 404)

5. O corpo como espaço de inscrição e aprendizado reaparece na etnologia francesa nos textos de Pierre Clastres, especialmente em *Da tortura nas sociedades primitivas* (2003). Para o autor, “o corpo mediatiza a aquisição de um saber, e esse saber é inscrito no corpo” (CLASTRES, 2003, p.198). Uma tríplice aliança estabelecida entre o corpo, a escrita e a lei caracterizaria muitas das sociedades ditas “sem escrita”, pois nelas o corpo se constitui como um espaço de memórias talhadas através de sangue, sofrimentos e marcações. Numa pedagogia que vai do grupo ao indivíduo, pois pertencimentos irrevogáveis são demarcados através de cicatrizes em seus iniciados, o corpo como lugar da memória emerge como um obstáculo ao esquecimento de afiliações grupais e processos rituais.

de uma *segunda natureza* a partir de diferentes *campos sociais*. O *campo*, ou espaço social, seria:

[o] lugar, relativamente estável, da coexistência dos pontos de vista, no duplo sentido de posições na estrutura da distribuição do capital (econômico, informacional, social) e dos poderes correspondentes, mas também de reações práticas a esse espaço ou de representações desse espaço, produzidas a partir destes pontos de vista através dos *habitus* estruturados, e informados duplamente, pela estrutura do espaço e pela estrutura dos esquemas de percepção que lhe são aplicados (BOURDIEU, 1998, p.163).

Como espaço relacional o *campo* informaria aqueles que nele se inserem de uma dupla maneira, através de sua estrutura física e dos esquemas de percepções que se estruturam em seus jogos contextuais. Frente à existência de múltiplos campos em concorrência no jogo social, seria possível observar nesse processo de disputas hierarquizantes a presença de diferentes interesses e investimentos nos corpos sociais⁶.

Para Bourdieu (1998), o *habitus* é um:

[...] produto da incorporação de uma estrutura social sob a forma de uma disposição quase natural, muitas vezes dotada de todas as aparências do inato, o *habitus* é a *vis insita*, a energia potencial, a força adormecida, donde

6. Falando sobre a constituição de um “corpo dócil” em várias esferas da sociedade, Michel Foucault (2006) aprecia o mesmo como elemento passível de ser “alvo de poderes”. O corpo estaria inserido numa teia de relações de poderes e saberes complexos que o investiriam e o submeteriam enquanto objeto de saber. Dessa forma, Foucault refere-se a um corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, “se torna hábil” e/ou cujas forças se multiplicam. Segundo o autor, a noção de “docilidade” uniria um “corpo analisável” a um “manipulável”, onde, seria “dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 1987, p.118). Nessa ótica, o corpo como objeto passível de investimentos em relações de docilidade e utilidade, proporcionaria a fabricação de dispositivos submissos e exercitados, recompostos de maneira a tornarem-se úteis e dóceis.

a violência simbólica, e em particular a que se exerce através dos performativos, extrai a sua misteriosa eficácia (ibid., 150).

O autor nos remete a esquemas de percepções, divisões e disposições práticas que desenham formas diferentes de apreciação e atuação no mundo social. Essa *natureza social incorporada* modularia as múltiplas maneiras de se utilizar o corpo através de processos característicos dos espaços nos quais os indivíduos estão inscritos. Disposições e ritmos corporais são docemente introjetados, ligando-se ao processamento de uma violência simbolicamente e corporalmente vivenciada. “O *habitus* corporal consiste naquilo que se vive como mais natural, aquilo sobre o que a ação consciente não tem controle.” (BOURDIEU, 2002, p. 86). Deslocando a análise da violência para o campo do simbólico, Bourdieu nos dá pistas interessantes para a compreensão do lugar do corpo nas interpretações contemporâneas sobre espaços marcados pela violência e pelo medo.

Esse breve apanhado sobre abordagens que contemplam o corpo como objeto para a compreensão do social destacam as múltiplas possibilidades de inserção do mesmo em investigações científicas. As *técnicas corporais* de Mauss, através das quais a sociedade se manifesta e se reproduz ao ensinar usos e disposições e o *habitus* de Bourdieu, formado a partir do nosso lugar no jogo social e dos esquemas de apreciações e classificações que incorporamos no mesmo, pavimentam o caminho para o desenvolvimento de pesquisas e investigações que destacam a importância do corpo na compreensão das experiências de moradores e coletividades em contextos marcados pela violência e pelo medo.

Estética corporal: elementos para a construção social do “outro” e da vítima⁷

Na construção cotidiana de um “outro” potencialmente perigoso, a leitura visual de corpos e estilos, confundidos com indicadores fidedignos de

7. Os argumentos sobre o corpo foram desenvolvidos em dois momentos separados devido ao caráter didático da exposição do artigo. Como unidade sintética, as dimensões estéticas e performáticas do corpo apresentam-se de forma imbricada e dinâmica.

intenções e personalidades, emerge como um procedimento essencial para a navegação em espaços observados sob o crivo da violência e do medo. Expressando estilos e portando adereços que marcam diferenças e individualidades em uma sociedade imagética de consumo (CANCLINI, 1996), os protagonistas dos medos em nossas periferias são concebidos através de composições estéticas que destacam a importância do corpo para as experiências em espaços urbanos considerados violentos.

Quando perguntados sobre seus temores nas ruas do bairro, os moradores de Pontamar⁸ revelavam os protagonistas de seus medos através de estereótipos que enquadravam indiscriminadamente tipos sociais na categoria de potencialmente perigosos. No bairro, usar bonés ou ostentar cordões, pulseiras e anéis, geralmente de prata, poderia ser um indício capaz de revelar a periculosidade e as intenções nefastas de seus portadores. A fala de Luciana ilustra, de maneira exemplar, os discursos corriqueiros sobre criminosos aparentemente sem rostos, mas portadores de trajes e adereços visíveis e identificáveis⁹.

“Olha, você sabe, não é? Eu tenho medo daqueles meninos que você já vê de longe vindo na sua direção. Tão sempre de boné, de bermuda e aqueles chinelos de marca. Qual é a marca mesmo hein? [...] Há, já sei! As Kenner! Sempre são os mesmos, esses meninos de cordão de prata até o umbigo, de anel em quase todos os dedos. Quando eu vejo... Vixiiii! Passo logo a rua!” (Entrevista realizada com Luciana, 35 anos, autônoma, moradora de Pontamar desde que nasceu. 06/06/2015).

A representação corporificada do “outro” a ser evitado em contextos de violência e medo passa, de acordo com o relato de Luciana, por uma apreensão do corpo estereotipado como artefato cultural expressivo. Para a moradora, a

8. Os nomes dos moradores e do bairro onde a pesquisa foi realizada em Fortaleza, Ceará, Brasil, foram omitidos intencionalmente para evitar uma possível identificação dos mesmos.

9. A cor do corpo, especificamente a negra, emerge como outro aspecto referencial na construção dos potencialmente perigosos. Devido ao espaço limitado e aos objetivos do artigo essa questão não será desenvolvida.

aventura de apropriar-se de espaços marcados pelo medo e pela insegurança parece não distinguir rostos, nomes ou trajetórias individuais, pautando-se em *impressões*, sejam elas *transmitidas* ou *emitidas* (GOFFMAN, 2005)¹⁰, produzidas e negociadas no jogo social. Sob a ótica expressiva do corpo, roupas, adereços e cortes de cabelos são vistos como indícios significativos de personalidades e das intenções perniciosas daqueles que as exibem.

Em contextos marcados pelo medo da criminalidade, o corpo é apreciado como um artefato cultural expressivo e confiável que ao mesmo tempo em que afirma diferenças e individualidades, também demarca pertencimentos e filiações a grupos e camadas socialmente representadas como perigosas. Nos processos de corporificação dos medos sociais, o corpo é representado como um espaço racionalmente desenhado e expressivo de individualidades e autonomias ao demarcar diferenças e estilos (KOFES, 1986). Apreciados monocromaticamente sob a rubrica dos estereótipos socialmente construídos, os potencialmente perigosos encarnam-se em atores que sobrecodificam seu corpo de forma a encaixarem-se em representações recorrentemente veiculadas nas ações policiais, na mídia e na *fala do crime* (CALDEIRA, 2000).

Em uma sociedade onde a individualidade exacerbada transforma a qualidade e a intensidade de nossas relações sociais, a identificação dos corpos emerge como uma das *táticas* (CERTEAU, 2007) centrais na circulação e apropriação dos espaços urbanos, mas não apenas deles, marcados pela criminalidade e pelo medo. Exaltado por nunca ter sido vítima de assaltos em Pontamar, André relatou, com ares de perito, a complexidade sociológica dessas experiências.

10. Segundo E. Goffman, a expressividade do indivíduo, ou seja, sua capacidade de dar impressões, poderia ser dividida em dois tipos de atividades significativas. As expressões que transmite, ou seja, os símbolos verbais, ou seus substitutos, que ele usa propositadamente e tão-só para veicular a informação que ele e os outros sabem estar ligada a esses símbolos; e, as que emite, ou seja, uma ampla gama de ações que os outros podem considerar sintomáticas do ator, deduzindo-se que a ação foi levada a efeito por outras razões diferentes da informação assim transmitida. Ver E. Goffman, *A representação do eu na vida cotidiana*, Petrópolis, Ed. Vozes, 2005.

“Taí que pra me pegar é difícil viu! Tô sempre ligado, faço meu caminho toda vida por ruas diferentes. Vou mais pelas que eu conheço bem e sempre evito aqueles “tipinhos” suspeitos. Mas aqui em Pontamar ainda tem um agravante, é que todo mundo aqui anda de boné, de cordão de prata, de bermudão. Você tem que andar ligado em todo mundo. Qualquer um pode ser um suspeito! A maioria desses meninos de 15 anos andam tudo com as mesmas roupas de marca e usando esses “negócios” de prata [...]” (Entrevista realizada com André, 25 anos, estudante, morador no bairro desde que nasceu. 15/06/2015)

As *impressões transmitidas* pelos corpos dos jovens moradores das periferias brasileiras, mas não só por eles, cristalizam estereótipos associados às *classes perigosas*¹¹, transformando a exibição de produtos e adereços em determinados espaços das nossas cidades em um dos principais signos da periculosidade e da criminalidade. Percebidos como índices racionalmente construídos e como manifestações expressivas de personalidades em uma sociedade do consumo e da imagem, o corpo periférico exteriorizaria maneiras de ser, pensar e agir que desenham seu lugar em nosso arranjo social.

Confiantes de que os atores sociais oferecem indícios verídicos de suas reais intenções através das impressões que transmitem em seus corpos, os moradores de Pontamar colocam a leitura dessas sobrecodificações como *táticas* (CERTEAU, 2007) altamente valorizadas na apropriação dos espaços do bairro¹². O corpo, enquanto símbolo individual e coletivo e espaço de escolhas singulares e filiações grupais, é um importante instrumento no *controle das situações* em contextos de violência e medo (GOFFMAN, 2005). Nessa perspectiva, não se tornar a próxima vítima da violência nesses espaços passa pela identificação

11. Ver CHESNAIS, Jean-Claude. *Histoire de la violence (en Occident de 1800 à nos jours)*. Paris: Pluriel, 1981; e PERLMAN, Janice E. *O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

12. A quebra de tal expectativa gerava certa confusão e surpresa quando ocorria. Assaltada por um rapaz “bem arrumado”, Lúcia falou-me da experiência de tal situação desconcertante que acabou por gerar um prejuízo de 500 reais para seu estabelecimento comercial.

das composições estéticas que são reproduzidas socialmente pelos corpos periféricos em nossas sociedades¹³.

Cambiando o foco da presente reflexão, podemos considerar que esse corpo socialmente elaborado, capaz de expressar individualidades, intencionalidades e filiações grupais no processo de identificação do “outro” potencialmente perigoso, também é um dispositivo indiciário decisivo na seleção das vítimas dos crimes praticados no bairro. Explicando-me o procedimento de escolha de suas vítimas nas ruas de Pontamar, Dudu revelou-me seu procedimento eletivo.

“Rapaz, primeiro de tudo, eu vejo se eu não conheço a pessoa. Claro que eu não vou roubar quem eu conheço, vai que depois ele me entrega pros “homi” (polícia). [...] Mas o principal pra mim escolher quem eu vou roubar é a aparência da pessoa, as coisas que eu vejo que eu posso pegar, muito volume, de preferência as que são mais fáceis de vender ou fazer “jogo”. É um negócio complicado, mas eu na maioria das vezes vou pela aparência da pessoa. Se estiver com medo é “caixão em vela preta”, eu chego logo junto.” (Entrevista realizada com Dudu, assaltante, morador de Pontamar desde que nasceu. 10/05/2015)

As vítimas de Dudu não eram escolhidas de maneira aleatória, mas através de uma seleção hierárquica das possibilidades de maximização do sucesso e do lucro no decurso de sua ação. Saber decifrar as impressões socialmente negociadas é um aprendizado significativo em contextos de criminalidade, tanto para aqueles que querem escapar de possíveis assaltantes, como para os que pretendem selecionar a “melhor vítima” para suas incursões criminais.

Dessa centralidade do corpo como indício referencial para a navegação em contextos socialmente considerados como violentos, resulta uma prática de caráter tático extremamente utilizada e reproduzida em Pontamar. Refiro-me especificamente à manipulação da composição estética do corpo em espaços

13. Esse enquadramento através das impressões corporais faz com que muitos dos moradores das periferias brasileiras, sejam assaltantes ou potenciais vítimas, não ostentem signos, especialmente na forma de bens materiais, associados a uma inclusão proporcionada pela ótica do mercado e do consumo.

públicos apreciados sob a ótica da violência e do medo. Tais experiências adquirem uma carga simbólica altamente negativa em nossos arranjos democráticos quando vivenciadas como entraves a uma *cidadania consumista* (CANCLINI, 1996) e como restrições a uma manifestação “verdadeira” e autônoma do “eu” na esfera pública.

Não ostentar objetos de valor, subvertendo uma lógica de marcação de diferenças e individualidades em uma sociedade imagética e consumista (CANCLINI, 1995; DIÓGENES, 2008), significa não apenas redesenhar estéticas corporais em ambientes socialmente proscritos, pois tal situação revela alguns dos dilemas a serem enfrentados na construção de uma cidadania à brasileira. Na mesma proporção em que se disseminam meios materiais e palpáveis de segregação social na paisagem das grandes cidades, ou seja, ao mesmo tempo em que se multiplicam *enclaves fortificados* na paisagem urbana (CALDEIRA, 2000)¹⁴, valoriza-se e propaga-se no cotidiano uma série de micro controles que buscam ocultar aquilo “que se tem” ou “o que se é”. Apreciado sob a ótica dos medos urbanos, o espaço público não é percebido como um lugar seguro para ostentações materiais e manifestações despreocupadas de personalidades mediadas por objetos de consumo com relativos valores econômicos.

Acompanhando os percursos dos moradores de Pontamar, uma pedagogia informal se revelava, reproduzindo maneiras de se apresentar em contextos de insegurança e medo (GOFFMAN, 2005)¹⁵. Se em suas residências os indivíduos podem sentir-se relativamente seguros atrás de muros altos, grades, portões, cercas elétricas e todo o tipo de equipamentos oferecidos pela *indústria do medo*¹⁶, na rua, a dimensão estética do corpo emerge como um dispositivo elementar a ser manipulado no cotidiano das grandes cidades. Distinções mediadas pela transmissão de informações através de uma estética corporal passam a ser repensadas quando a rua é apreciada como *locus* de perigos e

14. Ver CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de muros: crime e segregação e cidadania. São Paulo: EDUSP, 2000.

15. Para Mauss (2003) a existência de técnicas corporais está relacionada a existência de formas de ensino das mesmas.

16. Ver GLASSNER, Barry. Cultura do medo. São Paulo: Francis, 2003

armadilhas. “Enfrentar a rua” nesses contextos inclui todo um procedimento ritualizado que coloca a manipulação das vestimentas e acessórios que compõem nossa estética visual como alvo de extrema atenção e reflexão.

Temer figuras estereotipadas, e tentar não se enquadrar em tantas outras, em lugares socialmente considerados como perigosos, significa não apenas atualizar esquemas apreciativos previamente concebidos (BOURDIEU, 1999), mas reconhecer estilos de roupas e retóricas corporais socialmente estruturadas e associadas à criminalidade. Seja como símbolo sociológico expressivo de diferenças, valores e individualidades no espaço urbano, seja como elemento *performático* (TURNER, 1987) capaz de pronunciar-se através de estilos e retóricas corporais incorporadas socialmente, o corpo emerge como um paradigma significativo para a produção do conhecimento social.

O corpo em movimento: ritmos e disposições

Outra maneira de considerar o corpo no processo de compreensão das experiências individuais e coletivas em contextos marcados pelo estigma da violência e pela sensação de insegurança passa por uma atenção aos *ritmos* das atitudes corporais gestadas nesses espaços (BOURDIEU, 2002). Considerar o corpo como objeto analítico significa entendê-lo como um elemento pleno de significados, seja quando o apreciamos de uma perspectiva que privilegia sua composição estética, seja quando o percebemos como enunciador de ritmos e disposições socialmente incorporadas.

Teresa Caldeira (2000) observa a emergência dos *enclaves fortificados* na paisagem de nossas cidades associada às mudanças de comportamentos advindos, entre outras causas, do medo da violência criminal em nosso arranjo social. Em nossa chave interpretativa, essas mudanças comportamentais podem ser observadas ao nível das experiências cotidianas dos moradores de espaços socialmente considerados como violentos. Enquanto artefato individual e coletivo demarcador de diferenças, personalidades e pertencas através das impressões que transmite, sobretudo através de sua elaboração estética (CANCLINI, 1996), o corpo não pode ser compreendido sem levar-se em conta sua qualidade rítmica, reveladora de *habitus* sociais e modos de apropriação. Nesse sentido, Mauss recomenda que o social seja verificado em fatos onde “a natureza social conflui

muito diretamente com a natureza biológica do homem” (MAUSS, 2003, p.15).

Para Paul Connerton (1993), as abordagens sociais referentes ao corpo sofrem de um imperialismo cognitivo ao interpretarem as práticas habituais do mesmo com base no modelo da significação linguística.

A sociedade, concebida à imagem e semelhança da linguagem, assumiria o papel de dotar de significados os corpos físicos e os comportamentos dos indivíduos. O corpo, reduzido ao estatuto de símbolo, transmitiria significado dado ser um veículo altamente adaptável à expressão de categorias mentais (CONNERTON, 1993, p.115).

Reduzir o corpo ao estatuto de símbolo estimularia a produção de um caminho analítico que considera o entendimento e a compreensão como processos onde os dados dos sentidos estão subsumidos a ideias. Como pondera Connerton, “uma prática com significado não coincide com um símbolo. O significado não pode ser reduzido a um símbolo que existe num ‘nível’ separado, exterior a esfera imediata das ações do corpo”. (1993, p. 115). Quando se considera a linguagem como a mediação definidora da espécie humana, o corpo pode ser interpretado unilateralmente como um texto ou um código onde se inscrevem arbitrariamente significados.

Estudando primeiro a consciência e depois a linguagem, as interpretações sobre as práticas, os comportamentos e os ritmos corporais são desenvolvidas a partir de uma possível submissão a modelos cognitivos. Em contextos marcados pela criminalidade e pelo medo, o “outro” potencialmente perigoso não é identificado somente através das roupas que exhibe ou dos anéis e cordões que utiliza, mas também a partir das retóricas corporais¹⁷ que exhibe em suas trajetórias cotidianas. Falando sobre seus trajetos diários pelo bairro e os medos sentidos nesses percursos, Rafael intercalou-me:

17. Refiro-me ao que Bourdieu denomina de hexis. Percebendo o habitus como uma forma pré-reflexiva do corpo introjetar padrões culturais, a experiência do mundo transmutaria-se em “política corporificada”. Ver Bourdieu em *A dominação masculina*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

“Você já viu o andado daqueles caras? Rapaz, não é só a bermuda não, nem o boné e nem aqueles “negócio” de prata não. [...] Eles tem um “andado invocado”! Tu já viu? (O entrevistado dá uma boa gargalhada e passa a imitar o andado, segundo ele, característico e emblemático dos potenciais perigosos). É uns “braço” aberto, um peito estufado, parece que tem é uma placa no meio dos peitos! (Novo momento de descontração do entrevistado). Esses “ai” pode ter certeza que coisa boa não quer! Se você vir pela rua, tome cuidado! Os placa não dispensa não!” (Entrevista realizada com Rafael, 27 anos, corretor de imóveis, morador do bairro desde que nasceu. 11/02/2015)

O caminhar “invocado” ao qual se refere nosso interlocutor parece indicar que “o significado não pode ser reduzido a um símbolo que existe num ‘nível’ separado, exterior à esfera imediata das ações do corpo.” (CONNERTON, 1993, p. 115). As objetivações de um “outro” potencialmente perigoso, nessa chave analítica, não passam apenas pela identificação de produtos e artefatos associados ao estereótipo do criminoso reproduzido peça mídia e por nosso sistema de justiça criminal, mas também por um complexo reconhecimento de ritmos corporais cotidianamente reproduzidos. O corpo, enquanto elemento cotidianamente socializável e capaz de “aprender” (MAUSS, 2003), se enuncia não apenas através de sobrecodificações racionalmente elaboradas, mas também por meio de ritmos corporais coletivamente desenhados.

Referir-se a ritmos corporais não significa reportar-se a hábitos metafísicos (MAUSS, 2003), mas a movimentos estruturados através de uma complexa incorporação de razões práticas socialmente incorporadas. “A performatividade não pode ser pensada sem um conceito de hábito. E o hábito não pode ser pensado sem uma noção de automatismos corporais” (CONNERTON, 1993, p.42). Nesse sentido, o reconhecimento de indivíduos potencialmente perigosos, técnica altamente valorizada na busca pelo controle das situações em contextos marcados pelo medo da criminalidade urbana violenta (GOFFMAN, 2005), passa, em Pontamar, pela identificação de *habitus corporais* que revelam ritmos, pertencimentos e intencionalidades em tais espaços.

Deslocando a perspectiva da compreensão do corpo do conteúdo para a forma, a linguagem performativa pronuncia-se não como *ato elocutivo*, que ganha forma através da enunciação de palavras que fazem existir aquilo que nomeiam, mas como uma retórica corporal codificada em atitudes, posturas, gestos e disposições corporais (CONNERTON, 1993, p.72). A preservação de integridades físicas e materiais e a mitigação do sentimento de insegurança em Pontamar passavam, nessa ótica, pela identificação de indivíduos que exibiam não apenas produtos estereotipados de uma sociedade de consumo global, mas também que marcavam suas diferenças, individualidades e pertencimentos através de posturas, estilos e “andados invocados”.

Como maneiras de expressar a inculcação de estruturas subjetivas e objetivas dos campos nos quais os indivíduos estão enredados e como práticas socialmente reconhecíveis e distintas, os *habitus* tornam-se elementos decisivos no desenho das trajetórias e circulações em espaços públicos marcados pela violência e pelo medo. Enquanto *impressão transmitida e emitida* (GOFFMAN, 2005), a *hexis* corporal desponta como um indício significativo no processo de reconhecimento de situações de perigo e possíveis perigosos. O corpo revela, nessa chave analítica, não apenas inculcações de pertencimentos grupais e sociais, mas também a forma como o espaço público está sendo experimentado em metrópoles brasileiras acossadas pelo medo da violência urbana¹⁸.

18. Nessa lógica, os corpos dos moradores temerosos também oscilavam em seus percursos pelas ruas do bairro. Transpassar as linhas imaginárias que dividiam espaços considerados seguros daqueles tidos como perigosos significava não apenas mudar rotas ou traçados, mas toda uma complexa gama de sensibilidades e ritmos corporais. A cadência dos passos de Carol cambiava quando a jovem ultrapassava os limites de seu quarteirão e partia para espaços onde o perigo estaria, segundo ela, à espreita. Seu coração, respiração e corpo ganhavam novos ritmos sempre que cruzava a temida Rua do Pipoco para chegar ao ponto de ônibus que rotineiramente frequentava em uma das principais ruas do bairro. Os percursos diários dos moradores de Pontamar revelaram que o medo da violência criminal não era expresso apenas em linguagens verbalizadas, mas também através das oscilações dos corpos que expressavam ritmos, sentimentos e experiências.

Considerações Finais

Frente ao que buscamos explorar ao longo do texto, podemos considerar em nossas linhas finais que o corpo *é polissêmico* em seus efeitos, múltiplo em suas manifestações e ambivalente em suas percepções. Em suas interpretações sociológicas e antropológicas encontramos indícios e pistas significativas para a compreensão das experiências de indivíduos e coletividades em espaços socialmente marcados pela criminalidade e pelo medo.

Destacando as composições estéticas do corpo fomos capazes de observar como as dinâmicas de afirmação de diferenças, individualidades e pertencimentos apresentam-se, para os moradores de espaços atravessados pela violência, como elementos significativos no processo de identificação de um “outro” potencialmente perigoso e escolha das vítimas de práticas delituosas. Nesse arranjo, decidir ocultar objetos de significativo valor econômico, subvertendo uma lógica de marcação de diferenças e individualidades em uma sociedade do consumo e da imagem, revela um dos dilemas contemporâneos a serem enfrentados na construção da atual democracia brasileira. Apreciado sob a ótica da criminalidade e dos medos urbanos, o espaço público não é representado e experimentado como um lugar seguro para ostentações materiais e manifestações despreocupadas do *eu* mediadas por objetos de consumo.

Deslocando nossa chave interpretativa para os ritmos das práticas corporais gestadas em contextos marcados pelo medo e pela violência, o corpo pôde ser compreendido como um objeto analítico pleno de significados. A linguagem performativa pronuncia-se como uma retórica corporal que se codifica através de atitudes, posturas, gestos e disposições corporais, pautando a preservação da integridade dos indivíduos e de seus pertences na identificação de indivíduos que marcam suas idiosincrasias através de posturas, estilos e disposições socialmente incorporadas.

A violência, especialmente na sociedade brasileira, deve ser observada a partir das relações que lhe engendram e dão significado, evitando apreensões unilaterais sobre o fenômeno. Jogos de forças, espacialmente e historicamente localizados, revelam as múltiplas faces da violência, proporcionando uma apreciação capaz de dar conta, empírica e cientificamente, de toda a sua complexidade, plasticidade e possibilidades.

Referências

- ADORNO, Sérgio. Monopólio Estatal da Violência na Sociedade Brasileira Contemporânea. In: MICELI, Sérgio (org.) O que ler na ciência social brasileira. São Paulo: ANPOCS: Editora Sumaré, 2002.
- BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. Usos da cidade, conflitos simbólicos, patrimônio e invenção das tradições. Lisboa: *Análise Social*, v. XLII (1º), março de 2007.
- BECKER, Howard. Métodos de pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Hucitec, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *Le sens pratique*. Paris: Ed. De Minuit, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. Razões práticas. São Paulo: Papirus 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *Meditações Pascalianas*. Oeiras: Celta, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *O camponês e seu corpo*. São Paulo: Bertrand Russel, 2002.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime e segregação e cidadania*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.
- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: *Civilização Brasileira*, 2008.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2007.
- CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado – pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- CLASTRES, Pierre. *Arqueologia da violência – pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta Editora, 1993.
- DIOGÊNES, Glória. *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop*. Fortaleza: Annablume, 1998.
- DUBY, Georges. *Ano 100, ano 2000: na pista de nossos medos*. São Paulo: UNESP, 1999.
- ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar 2000.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 2006.

FREITAS, Geovani Jacó de. Ecos da Violência: narrativas e relações de poder no Nordeste canavieiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

GOFFMAN, Erving. Estigma: Nota sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 2005.

KOFES, Suely. Conversando sobre o corpo. Org. Heloisa T. Bruhns. Campinas: Papyrus, 1986.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MENEZES, Eduardo Diatahy Bezerra de. A violência da cidade no discurso radiofônico. In: Revista de Ciências Sociais. Fortaleza: UFC, 1981/1982.

MICHAUD, I. A violência. São Paulo: Ática, 1989.

MISSE, Michel. Crime e violência no Brasil contemporâneo: estudos de sociologia do crime e da violência urbana. Rio de Janeiro: Lumen Juris editora, 2006.

PAIS, José Machado. Vida cotidiana: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.

SENNETT, Richard. O declínio do homem público: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental. In: Otávio Velho (org.) O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

TURNER, Victor. O processo ritual: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

WACQUANT, Löic. Os condenados da cidade: estudos sobre marginalidade avançada. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

ZALUAR, Alba. Condomínio do diabo. Rio de Janeiro: Revan, 1994.

ZALUAR, Alba. Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

Recebido: 30-MAR-2017

Aceito: 25-ABR-2017